

## MMA entre as modalidades do jornalismo esportivo: profissionalização para além do octógono

MMA among the modalities of sportive journalism: professionalism beyond the octogon

MMA entre las modalidades del periodismo deportivo: profesionalización más allá del octógono

Recebido em: 07/04/2019

Aceito em: 21/08/2019

### RESUMO

Considerando a relevância do MMA na atualidade, sobretudo na mídia, e a carência de estudos na interface deste esporte com o jornalismo, o objetivo deste texto é situar o lugar do MMA entre as modalidades do jornalismo esportivo, com sua profissionalização em 2000, e apresentar especificidades do jornalismo especializado em MMA, com um paralelo entre o desenvolvimento do esporte e sua cobertura jornalística. Os textos sobre jornalismo esportivo não enfatizam o MMA como uma das modalidades desta prática jornalística, ainda que o noticiário esportivo o contemplasse desde o Vale Tudo. A produção especializada em MMA seguiu caminho semelhante à imprensa esportiva geral, quando da profissionalização do futebol, no tocante à relação com atletas, à cobertura e ao seu desenvolvimento.

### PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo esportivo; Futebol; Vale Tudo; MMA.

### ABSTRACT

Considering the relevance of MMA today, especially in the media, and the lack of studies in the interface of this sport with journalism, the objective of this text is to situate the place of the MMA among the modalities of sports journalism, with its professionalization in 2000, and to present specificities of specialized journalism in MMA, with a parallel between the development of the sport and its journalistic coverage. The texts on sports journalism don't emphasize the MMA as one of the modalities of this journalistic practice, although the sports news contemplated it from Vale Tudo. The production specialized in MMA followed a path similar to the sports journalism, regarding the relationship with athletes, coverage and its development.

### KEYWORDS

Sports journalism; Soccer; Vale Tudo; MMA.

### RESUMEN

Considerando la relevancia del MMA en la actualidad, sobre todo en los medios, y la carencia de estudios en la interfaz de este deporte con el periodismo, el objetivo aquí es situar el lugar del MMA entre las modalidades del periodismo deportivo, con su profesionalización en 2000, y presentar especificidades del periodismo especializado en MMA, con un paralelo entre el desarrollo del deporte y su cobertura periodística. Los textos del periodismo deportivo no enfatizan el MMA como una de las modalidades de esta práctica periodística, aunque el noticiero deportivo lo contemplara desde el Valle Todo. La producción especializada en MMA siguió camino semejante a la prensa deportiva, cuando de la profesionalización del fútbol, en lo referente a la relación con atletas, a la cobertura ya su desarrollo.

### PALABRAS CLAVE

Periodismo deportivo; Fútbol; Vale todo; MMA.



### Allysson Viana Martins

Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e professor de Jornalismo na Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

[allyssonviana@unir.br](mailto:allyssonviana@unir.br)

## 1 INTRODUÇÃO

O jornalismo esportivo compreende a produção jornalística dedicada ao noticiário esportivo, em cadernos e editorias, em espaços generalistas ou em veículos especializados. Essa especialização jornalística existe desde o final do século 18, com produções próprias do segmento no século seguinte, na Europa, enquanto no Brasil se destaca no início do século 20. Embora não se restrinja a tratar de futebol, a partir da metade deste século, o jornalismo esportivo brasileiro aborda mais detidamente esta modalidade, com alguma expressão, especialmente quando possuímos atletas vencedores, para automobilismo – notadamente Fórmula 1 –, basquete, tênis, surfe e vôlei, além de boxe, ginástica artística, judô e natação – sobretudo nos períodos dos Jogos Olímpicos de Verão.

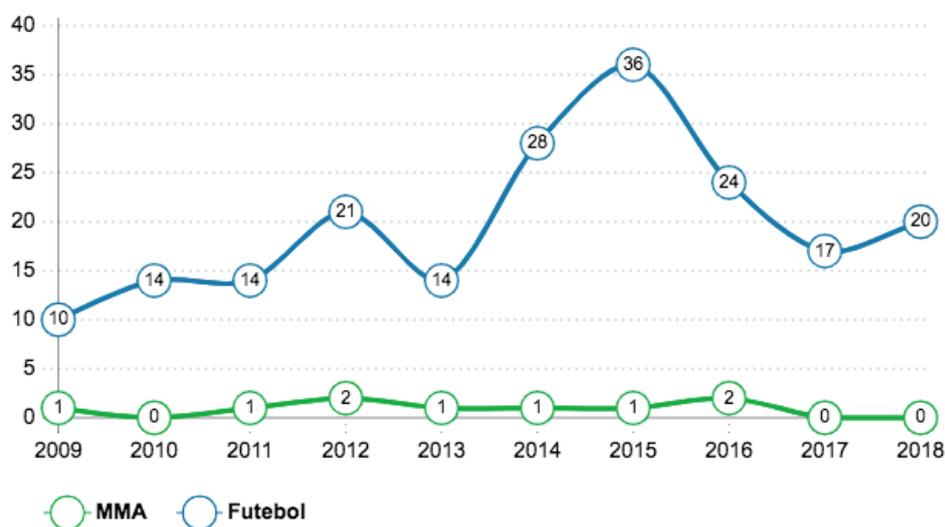
Dos esportes de luta, o MMA (artes marciais mistas, *mixed martial arts* em inglês) é o que começou a ter visibilidade pelo jornalismo nacional mais recentemente, quando em 2000 se profissionalizou com as Regras Unificadas do MMA. Ainda que o jornalismo esportivo esteja entre as editorias que possuem mais autonomia e espaço nos jornais, com lugares mais destacados e “especiais”, se comparado até com as de cultura, economia e política (BORELLI, 2002), e o MMA já tenha sua cobertura garantida entre suas produções, esta relevância não é trabalhada de maneira pungente na academia, ou seja, os pesquisadores da área não investigam sobre o jornalismo especializado em MMA. Até mais da metade do século 20, o jornalismo esportivo era desvalorizado na mesma intensidade que o jornalismo policial, consumido apenas por pessoas de baixo poder aquisitivo (COELHO, 2003; CAPRARO, 2011; LEANDRO, 2011).

Apesar da preponderância e relevância social de ambos (SANFELICE, 2010), a interface mídia e esportes, sobretudo o jornalismo esportivo, não está entre os assuntos mais abordados nas pesquisas brasileiras da área da Comunicação. Ainda assim, a maioria dos estudos enfatiza ainda o futebol, com uma abordagem praticamente inexistente acerca do jornalismo especializado em MMA. Na área da Comunicação, os aspectos mais comuns estudados são marketing e estratégia de mercado, através do desenvolvimento da marca da empresa UFC e dos seus atletas, destinando ao esporte

MMA questões secundárias, com escassos trabalhos que abordam o jornalismo (MARTINS, 2018).

O Grupo de Pesquisa (GP) Comunicação e Esporte do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), o maior evento científico da área no país, existe desde 2009. Em dez edições do GP, de 2009 até 2018, 198 artigos trataram diretamente sobre futebol, como observado após avaliações de título, resumo e palavra-chave (ver Gráfico 1). A maior incidência das publicações ocorreu entre 2014 e 2015, com diversos textos abordando a Copa do Mundo, o jogador Neymar Jr., além da administração ou do marketing de clubes de futebol brasileiros e estrangeiros. No mesmo período, e através da mesma análise, foram publicados somente 9 trabalhos especificamente sobre MMA, com 4 sobre aspectos jornalísticos, nos anos de 2009, 2011, 2013 e 2015. Estas pesquisas, ainda assim, não investigaram a produção jornalística sobre MMA em veículos especializados no segmento – apenas como o esporte é representando na produção esportiva em geral.

GRÁFICO 1 – ARTIGOS SOBRE FUTEBOL E MMA NO GP COMUNICAÇÃO E ESPORTE



Fonte: Elaboração do autor

Considerando a relevância do MMA na atualidade, sobretudo na mídia, e a carência de estudos na interface deste esporte com o jornalismo, o objetivo deste texto é situar o lugar do MMA entre as modalidades do jornalismo esportivo, identificando como a sua profissionalização em 2000 resvalou na sua inserção nas pesquisas acerca

desta especialização, e ainda apresentar algumas especificidades do jornalismo especializado em MMA, traçando um paralelo historiográfico entre o desenvolvimento deste esporte e da sua cobertura jornalística. Este artigo representa o início de uma pesquisa mais ampla, cujo objetivo geral é identificar as características das produções brasileiras especializadas em MMA nos sites, canais de YouTube e de TV, através do perfil das empresas e das especificidades dos produtos.

### 2 ESPORTE, JORNALISMO E FUTEBOL

O primeiro registro histórico de uma prática esportiva remonta há alguns mil anos antes de Cristo, através de desenhos em paredes no Egito que pareciam descrever o que conhecemos hoje como a luta greco-romana (SILVEIRA, 2009). Foi apenas mais adiante, com o pai da história, Homero, que se esboçou uma primeira narrativa esportiva, de acordo com Leandro (2005), pois o historiador narra, na *Ilíada*, uma corrida vencida por Ulisses. O jornalismo esportivo, por sua vez, surge praticamente 2 mil anos depois, no século 18. Entretanto, foram os Jogos Olímpicos – criados nos últimos anos do século 19 e fundamentais para enfatizar a importância do esporte na sociedade – e a profissionalização do futebol – a partir dos anos de 1930 – que contribuíram para o aprimoramento da imprensa esportiva, embora escritores renomados como Graciliano Ramos e Lima Barreto desacreditassem do esporte que chamavam de “ludopédio”, ridicularizando os jogadores e dizendo que ele jamais conquistaria os brasileiros (COELHO, 2003; LEANDRO, 2005, 2011).

Nesta época, o futebol ainda era considerado um esporte (bretão) de elite, mudando essa imagem somente a partir dos anos de 1920, com a inserção de trabalhadores de baixa classe social, de “mestiços” e negros, quando se tornou uma paixão nacional, mesmo sendo ainda amador. Mesmo assim, os dirigentes desta época não aceitavam pagar para que alguém entrasse em campo para jogar futebol (COELHO, 2003). O futebol no Brasil começou a crescer, antes, mas de maneira desordenada; sem conhecimento expresso das regras e com bolsas improvisadas, o jogo começou a obter a atenção dos jornais devido a alguns problemas de ordem pública, como propriedades privadas invadidas – servindo como campo – e quebradas – no caso de janelas e portas,

por causa da bola. Chegou-se a se proibir o jogo fora das áreas destinadas pelos municípios.

Ainda neste período, alguns avisos circulavam nas cidades para informar sobre atletas, equipamentos e jogadas, algo que seria apropriado, posteriormente, pela imprensa. Até o início do século 20, o pouco noticiário esportivo existente se misturava aos demais assuntos do jornal, assemelhando-se mais aos textos que hoje se destinam às colunas sociais, pois destacavam os jovens burgueses que praticavam o esporte. A preocupação com questões sociais fazia até o resultado da partida não ser informado. (LEANDRO, 2011).

As associações desportivas surgiram no início do século 18 na Europa, com a imprensa noticiando sobre as suas atividades, como o artigo sobre uma luta de boxe em 1733, no *Boston Gazette*. Enquanto os jornais cariocas abordaram eventos esportivos, como o turfe, no século 19, a editoria esportiva nascia no britânico *Morning Herald*, em 1817, seguido do conterrâneo *The Globe*, em 1818, e do estadunidense *The American Farmer*, em 1819. O francês *Journals des Haras*, de 1828, é considerado o primeiro veículo especializado em esporte da história. No Brasil, em 1852, *Jornal O Atleta* ganha vida, mas a editoria de esportes, com páginas específicas para sua divulgação, iniciou de fato com o jornal paulista *Fanfulla*, de 1910, mesmo que com pouco espaço.

A relação do futebol com a imprensa esportiva já existia desde o início, antes da profissionalização deste esporte, quando o veículo estimulava os leitores a fundarem clubes de futebol. Porém, o noticiário esportivo era tão desvalorizado, quando o futebol começou a se popularizar, que até o remo, o esporte até então mais popular no país, era incapaz de estampar as primeiras páginas dos jornais. Os cadernos esportivos nos jornais diários se tornaram corriqueiros na década de 1960, com as revistas especializadas surgindo na década seguinte, quando a seleção brasileira de futebol já era bicampeã mundial e o Brasil possuía o principal jogador do mundo e da história do esporte, Pelé, com as revistas especializadas surgindo na década seguinte (COELHO, 2003; LEANDRO, 2005; FERREIRA, 2011; ALVAREZ, 2013).

Em 1929, a *Revista Única* enfatizava em suas páginas a prática do futebol pelas mulheres, ao menos até o Conselho Nacional de Desportos proibir a prática de esportes

“incompatíveis com as condições de sua natureza” – embora não explicitem quais seriam essas tais condições –, através do Art. 54 do Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. O jornalista Mário Rodrigues Filho, o maior expoente do jornalismo esportivo brasileiro ao lado do seu irmão Nelson Rodrigues, fundou O Mundo Esportivo, em 1931, que logo faliu, e, em 1936, o Jornal dos Sports, primeiro veículo jornalístico diário exclusivamente dedicado aos esportes (COELHO; 2003; CAPRARO, 2011).

A partir dessa época, os jornais e as revistas especializadas exploravam, por exemplo, a imagem dos clubes e dos jogadores, através de cartazes, fotos e pôsteres etc.; essa relação entre esporte e mídia se aprimora através da publicidade e dos produtos derivados, como bonecos, mascotes e jogos eletrônicos (LEANDRO, 2011; ALVAREZ, 2013), podemos acrescentar coletâneas em mídia, produtos colecionáveis, sites próprios, contas em redes sociais, aplicativos, entre outros. E essa influência mútua altera desde o horário de transmissão dos jogos até o relacionamento com o público e as regras do esporte. O *media training* se torna corriqueiro.

Como o jornalismo esportivo sempre esteve ligado ao futebol – ainda que não se restrinja a ele –, a profissionalização do esporte contribuiu para o aprimoramento das publicações jornalísticas especializadas nessa área a partir dos anos de 1960, quando o futebol se tornou o esporte principal do país. “É difícil precisar se os esportes cresceram por conta da imprensa ou se o desenvolvimento de uma imprensa esportiva foi fruto de uma busca e um interesse do público por este tipo de informação” (ALVAREZ, 2013, p. 68).

Na década seguinte, o rádio e a TV divulgavam o esporte através de programas jornalísticos e de entretenimento, ainda que, em 1938, na Copa do Mundo de Futebol, Glagliano Neto tenha realizado a primeira narração esportiva de uma partida, pela Rádio Clube do Brasil. Nos anos de 1990, a TV por assinatura chega ao Brasil e com ela o SporTV – Top Sports à época –, em 1991, canal de esportes vinculado ao Grupo Globo, e a TVA Esportes, em 1993, que se tornaria a ESPN Brasil. Em 2003, é lançado o SporTV 2 e, em 2012, o SporTV 3.

O Grupo Globo promoveu uma nacionalização e unificação pelo rádio, enquanto na TV regionalizava os programas esportivos, acompanhando de um modelo de “morte à concorrência” (COELHO, 2003). Se nos anos de 1970 e 1980, respectivamente, os canais

Record e Bandeirantes cediam imagens dos jogos aos concorrentes, para alimentar os noticiários jornalísticos, a TV Globo, quando adquiriu os direitos de transmissão dos principais campeonatos de futebol do país, só empresta parte das imagens após elas serem exibidas em seu principal programa esportivo, o Globo Esporte, e até proíbe que jornalistas concorrentes gravem dentro dos estádios, durante o jogo. Desde então, ex-jogadores participam das transmissões, menos como conhecedores de aspectos internos do mundo futebolístico do que animadores dos programas.

### 3 JORNALISMO ESPORTIVO

Mário Filho é considerado o aprimorador do jornalismo esportivo, abandonado a escrita rebuscada e o conteúdo superficial, ao lado do seu irmão mais novo, Nelson Rodrigues. Todavia, antes ainda do jornalista que nomeia o estádio do Maracanã contribuir para essa reformulação, Leandro (2011) diz que as crônicas esportivas já começavam ser valorizadas em 1912, com a Associação Bahiana de Cronistas Desportivos (ABCD). A importância histórica que dispensam a esse jornalista é descrita por Capraro (2011) como um trabalho excessivo de publicidade por parte de jornalistas, intelectuais e artistas, capitaneado principalmente por Nelson Rodrigues, para quem o irmão havia fundado o jornalismo esportivo moderno, ao: valorizar o jornalista deste segmento; romper com a linguagem tradicional; e propor uma nova estrutura nos próprios jornais ao enaltecer ainda mais a editoria esportiva. Uma das práticas da cobertura jornalística esportiva tradicional que diminuiu foi o uso de estrangeirismos.

Esse estilo mais literário de escrever começou a ser confrontado com a verdade da objetividade jornalística a partir dos anos de 1970. "Sair do convencional, sem extrapolar a proposta da objetividade e tornar-se excessivamente passional, nem deixar de passar para o leitor a emoção de uma competição, é o desafio enfrentado atualmente a cada edição pelas editorias de esporte" (LEANDRO, 2011, p. 51). O desafio é ser jornalista e criativo, informar e despertar emoção.

As crônicas permitiram a construção de grandes espetáculos em torno dos eventos esportivos, mesmo quando eram enfadonhos, segundo Coelho (2003) e Lovisoló (2011), e a criação dos mitos e do culto aos heróis, especialmente no futebol, com "olimpianos" ou "heróis esportivos", ou seja, "celebridades" (BORELLI, 2002; COELHO; 2003;

ALVAREZ, 2013; SANTOS; MIRANDA FILHO, 2015). Essa venda da emoção não seria, contudo, exclusividade do jornalismo esportivo, uma vez que o próprio furo jornalístico procura instigar o leitor. Ainda assim, “os ídolos do esporte tornam-se celebridades, cujas vidas e ações dentro e fora de campo tornam-se produtos de interesse por uma gigante parcela de pessoas, servindo muitas vezes de modelo de conduta ou de figuras que personificam uma posição social almejada” (ALVAREZ, 2013, p. 69).

Mesmo que a paixão possa ajudar um jornalista a se tornar um grande especialista em determinado esporte, ela não é essencial. O fundamental para trabalhar no jornalismo esportivo é adquirir conhecimento e experiência sobre alguma modalidade, tendo em vista as expressões e os assuntos próprios de cada esporte, defendem Borelli (2002) e Coelho (2003). O jornalismo esportivo contribuiu para uma linguagem própria (temas e expressões) de cada esporte, um maior conhecimento de quem acompanha e um desenvolvimento de base emocional e de paixão, além da formação de profissionais relacionados à sua cobertura. Por causa da cobertura futebolística, criou-se, inclusive, o “repórter setorista”, aquele destinado a acompanhar as atividades de determinado clube, enquanto os jornalistas de esportes menos midiáticos se dedicavam a várias modalidades (LEANDRO, 2011).

O jornalismo (esportivo) exigiria, então, mais transpiração do que inspiração. A produção de um texto instigante e que desperte emoção não torna obrigatória uma paixão pelo esporte, pois o principal para o profissional é o trabalho duro e a experiência adquirida, afinal, a informação precisa ser bem trabalhada. Essa especialização, no entanto, não pode se restringir ao calendário dos esportes, ao fato em si – como uma partida ou uma luta –, as preparações pré-agenda e as repercussões pós-agenda (BORELLI, 2002), ao contrário, é necessário pauta inteligente, pois as análises não são suficientes para produções de qualidade. “A única maneira de mostrar que o esporte é viável é mostrar que o jornalismo esportivo não é feito apenas por esporte” (COELHO, 2003, p. 115). O aparente paradoxo é compreensível quando se articula o esporte com outras editorias, desde cultura e saúde, até política, tecnologia e relações internacionais, sobretudo nos veículos especializados. O agendamento esportivo, evidentemente, não parte única e exclusivamente dos interesses da mídia, através de decisões unilaterais

dos produtores da informação, pois os grandes eventos esportivos alteram as estruturas e as rotinas do jornalismo.

A especialização da produção jornalística, como a esportiva, permite, então, o surgimento de um público conhecedor do assunto abordado pelo jornalista, muitas vezes, existindo até um enfrentamento entre esses dois polos, uma vez que os leitores se consideram especialistas e até mais sabedores do que os próprios profissionais da imprensa (COELHO, 2003; LEANDRO, 2011). A contratação de ex-atletas como profissionais da imprensa também colabora para o descrédito do jornalista – desvalorizando o conhecimento desta profissão em detrimento do saber empírico do esporte. Esse aspecto perpetua, por exemplo, uma contínua acusação de favorecimento de determinado clube, afinal esses ex-atletas passaram por grandes agremiações, durante a carreira esportiva ou até mesmo após a aposentadoria, com algum cargo administrativo em determinado clube, ampliando ainda mais as críticas. Nesse contexto do jornalismo esportivo, um novo esporte se insere nesta especialidade jornalística, o MMA.

Esse modelo de jornalismo esportivo em geral, e no futebol em específico, desenvolve uma aproximação dos jornalistas com jogadores, técnicos e até empresários, chegando até a relações permissivas com cartolas – os dirigentes dos clubes (COELHO, 2003; LEANDRO, 2005, 2011). Se, por um lado, essa relação garante algumas informações exclusivas, sobretudo com atletas respeitando mais os jornalistas, por outro, pode atrapalhar as análises dos profissionais, acusados de favorecimento e de “clubismo”. Os cartolas, com interesses que podem até chegar a eleições políticas, ainda assim, são fontes fundamentais para abordar sobre aspectos administrativos – como contratação e demissão de jogadores e da comissão técnica –, de bastidores – da tabela dos campeonatos aos árbitros – e de marketing – como parcerias, orçamentos e canais de comunicação. Por isso, o jornalista deve estar sempre em negociação com esses agentes, mas não permitir que possíveis relações de proximidade interfiram em seu trabalho, como conteúdos críticos ou denúncias. O MMA, esporte profissionalizado nos anos de 2000, insere-se já nessa dimensão do jornalismo esportivo.

## 4 DO VALE TUDO AO MMA

O MMA é um esporte de luta com poucas regras em que os atletas utilizam técnicas e recursos de diversas modalidades marciais, como boxe, muay thai, wrestling, judô, jiu-jitsu, karatê, sambô, entre outros. A denominação e a definição, porém, não surgiram juntamente à prática, uma vez que sua origem remonta a primeira metade do século 20 ou, como alguns preferem, a Grécia Antiga – com o pancrácio (ALVAREZ; MARQUES, 2011; FERREIRA, 2011; ALVAREZ, 2013). A história do desenvolvimento do Vale Tudo até o MMA é registrada por quem pesquisa o esporte por causa do seu caráter inicial (ALVAREZ; MARQUES, 2011; FERREIRA, 2011; MIRANDA, 2012; ALVAREZ, 2013; SANTOS; MIRANDA FILHO, 2015).

O Vale Tudo foi criado entre a década de 1920 e de 1930 pela família Gracie, a fim de popularizar o *brazilian jiu-jitsu* (jiu-jitsu brasileiro, ou bjj) e provar que esta era a arte marcial mais efetiva. Com essa perspectiva, sugeriram os Desafios Gracie, quando os membros da família convocavam, em academias e jornais, lutadores do país para lutas sem regras, sobretudo, contra boxeadores, capoeiristas e judocas. A ideia foi inspirada na trajetória de Mitsuyo Maeda, o Conde Koma, que viajou o mundo para provar que o judô era a melhor modalidade de luta. Ao chegar ao Brasil na década de 1910, ensinou o jiu-jitsu tradicional ao filho de Gastão Gracie, em Belém. Carlos Gracie vai ao Rio de Janeiro como mestre nesta arte e inicia o ensino do jiu-jitsu brasileiro, após seu irmão mais novo, Hélio Gracie, adaptar a luta à sua condição física – magro e com saúde debilitada – através das alavancas.

A última década do século 20 viu o jiu-jitsu brasileiro chegar aos EUA e ao mundo, quando Rorion Gracie, filho de Hélio, criou em 1993 o *Ultimate Fight* – hoje, *Ultimate Fight Championship* (UFC), o maior evento de MMA do mundo – em parceria com Art Davie, publicitário estadunidense, e John Milius, diretor e roteirista de Hollywood – onde Rorion tinha alunos como Mel Gibson e Chuck Norris. Eles queriam provar a superioridade do jiu-jitsu brasileiro a partir de lutas com poucas regras – era um “esporte de sangue” (*bloodsport*, em inglês) em que “não existem regras!” (*there are no rules!*, em inglês) – entre os principais lutadores das maiores artes marciais. A história do UFC se confunde com a do esporte. Com seu início já na televisão – mesmo que em canal a cabo –, as lutas não tinham tempo para acabar, não existiam juízes,

equipamentos ou trajes obrigatórios, separação por peso ou por graduação em uma arte marcial específica.

O evento inova pelo, hoje simbólico, octógono, que evita a fuga dos lutadores pelas cordas do ringue, obrigando-os a uma constante movimentação. O jiu-jitsu brasileiro, para seus adeptos, deveria vencer qualquer adversidade e desigualdade, tanto que o escolhido para representar a luta e a família nos primeiros combates do UFC foi Royce Gracie, filho de Hélio menos famoso e muito magro. Royce venceu três dos quatro primeiros torneios, UFC 1, 2 e 4, do terceiro se retirou por exaustão, mas ainda invicto. Com sucesso instantâneo, pois o primeiro UFC obteve quase 90 mil compradores de *pay per view*, os políticos dos EUA se mobilizaram para marginalizar aquela “rinha humana”, proibindo a veiculação televisiva e até as competições em alguns estados, revertendo-se completamente somente em 2016, quando Nova York aprovou o esporte, último estado estadunidense a fazê-lo.

O Japão também se mostrou rapidamente um país adepto aos esportes com poucas regras, onde o Vale Tudo pode ser datado do final dos anos de 1960 com os eventos promovidos por Antonio Ioki. Em 1985, foi criado o Shooto e, em 1997, quando as lutas do UFC foram proibidas nos EUA, surgia o *Pride Fighting Championships* (Pride), tornando-se o mais relevante evento de artes marciais mistas do mundo e o primeiro japonês a ser transmitido nas televisões estadunidenses, em 2000. Dez anos depois de sua criação, foi comprado pelo UFC, quando acusações de envolvimento com a máfia japonesa e os resultados fraudados diminuíram a credibilidade da organização. À época, o Brasil tinha o terceiro maior evento, o *International Vale Tudo Championship* (IVC), de 1997 até 2003, com lutadores como Wanderlei Silva, José ‘Pelé’ Landi-Jons, Chuck Lidell, Renato ‘Babalú’ Sobral, Artur Mariano, Carlão Barreto e Wallid Ismail.

Os primeiros “heróis” do esporte surgiram na terra dos samurais, quando se sobressaía o espetáculo no lugar das artes marciais, pois “um evento do esporte não se limita às lutas, sendo transformado, de fato, em um espetáculo” (MIRANDA, 2012, p. 51). Entre esses “mitos”, estão: Rickson Gracie, o maior lutador da história da família inaugurou o evento; os pesos pesados: Fedor Emelianenko, ‘O Último Imperador’, Rodrigo ‘Minotauro’ Nogueira, Mirko ‘CroCop’ Filipović e Bob Sapp; os pesos-médios: Wanderlei Silva, ‘Cachorro Louco’ ou ‘Assassino do Machado’, Quinton ‘Rampage’ Jackson, Dan

Henderson, Ricardo Arona, Rogério 'Minotouro' Nogueira, Paulão Filho e os irmãos Rua, Maurício 'Shogun' e Murilo 'Ninja'. Além do peso-leve: Takanori Gomi, 'Fireball Kid'. Outro peso-médio renomado foi Kazushi Sakuraba, 'O Caçador de Gracies', primeiro a vencer Royce Gracie, que resolveu se testar no evento japonês após ganhar três torneios do UFC. Outros lutadores fizeram o mesmo que Royce, como: Murilo Bustamante, à época campeão do peso-médio, Chuck Liddell, 'O Homem de Gelo', Vitor Belfort, 'O Fenômeno', e os ex-campeões pesos-pesados do UFC, Mark Coleman e Josh Barnett. Mark Hunt, Alistair Overeem e Fabricio Werdum lutaram no Pride, mas só se tornaram relevantes anos depois no UFC.

A transformação de atletas em seres quase mitológicos, existe desde o período dos gladiadores romanos e é intensificado no futebol com a produção midiática das crônicas e do noticiário esportivo – sobre a vida dos atletas dentro e fora de campo (BORELLI, 2002; COELHO, 2003; LOVISOLO, 2011). Esse aspecto acontece também com os lutadores de MMA, sobretudo aqueles contratados pelo UFC, batizados por Galvão Bueno como "gladiadores do terceiro milênio", com apelidos que reforçam essa perspectiva, como Minotauro, Shogun, Dragão, O Último Imperador, entre outros.

Essas estratégias, porém, não se restringem ao jornalismo, pois se valem dos aparatos de entretenimento da mídia, especialmente no caso do Grupo Globo para o MMA, em que os lutadores frequentam dos programas esportivos e jornalísticos aos de entretenimento, para entrevista sobre sua vida ou mesmo para realizar jogos, dicas culinárias e até outras competições, como de dança, no caso dos programas de Ana Maria Braga e de Fausto Silva (FERREIRA, 2011; ALVAREZ, 2013; SANTOS; MIRANDA FILHO, 2015). Tornou-se corriqueira ainda a participação de lutadores em programas brasileiros de *talk shows* – como *The Noite*, no SBT, *Programa do Porchat*, na RecordTV, e *Lady Night*, no Multishow – e até em novelas, que incorporaram esta temática, como *Fina Estampa* (2011-2012), *Guerra dos Sexos* (2012) e *A Força do Querer* (2017), todas da Rede Globo.

A cobertura midiática não começou, entretanto, apenas nesse período. Os Desafios Gracie e o Vale Tudo já frequentavam o noticiário brasileiro, quando a imagem dos lutadores se desgastou por causa das invasões às academias e das brigas em festas e praias. Muito dessa visão negativa permanece até hoje. O Canal Combate, único canal

brasileiro destinado aos esportes de luta, e o SporTV lançaram até a campanha “Não brigue, lute”, com cantores, atores e demais artistas. As artes marciais não deveriam ser associadas com pessoas violentas.

A partir dos anos de 1950, o jiu-jitsu brasileiro ganhou destaque no país por causa de personalidades como: Getúlio Vargas e João Baptista Figueiredo, ex-presidentes, Mario Andreazza Adhemar de Barros e Carlos Lacerda, políticos, sendo este também jornalista, que foi acompanhado pelos colegas da imprensa Roberto Marinho, Mário Rodrigues Filho e Flávio Cavalcanti, além do arquiteto Oscar Niemeyer e do cantor Nelson Gonçalves. Com entusiastas na imprensa, o Vale Tudo era noticiado em jornais do Rio de Janeiro, como O Globo, Jornal dos Sports, Diário da Noite, Rio Esportivo e a revista Ring. O primeiro registro midiático é de uma luta de Hélio Gracie em 1932, o “evento de lutas mistas”.

Foi na década de 1950 que o ápice chega aos Desafios Gracie, como em 1951, quando Hélio enfrentou os famosos judocas Jukio Kato – com uma vitória e um empate – e Masahiko Kimura – com uma derrota –, nos estádios do Maracanã e do Pacaembu, repercutindo até na revista Cruzeiro. Outra famosa luta aconteceria em 1955 com quase quatro horas de duração, quando Hélio, com mais de 42 anos de idade e quatro de aposentadoria, perdeu para Waldemar Santana, com 18 anos a menos e 30 quilos a mais. A luta rendeu uma crônica de Nelson Rodrigues e o surgimento de outra figura importante para o Vale Tudo: Carlson Gracie, filho de Carlos. Carlson vingou a família meses depois, quando entrou na história dos combates com poucas regras por essa vitória e pela formação de grandes lutadores nas décadas de 1970 até 1990. Em 1958, Flávio Cavalcanti exibiu uma luta de Carlson pela TV Rio, no programa Noite de Gala. De 1959 até 1962, o programa televisivo Heróis do Ringue era veiculado às noites de segunda no Clube de Regatas Flamengo, com Carlson Gracie como estrela (ALVAREZ; MARQUES; 2011; FERREIRA, 2011; ALVAREZ, 2013).

Carlson e seu primo Rickson Gracie travaram uma rivalidade histórica com a luta livre, desenvolvendo ainda mais o Vale Tudo, mesmo na clandestinidade, com brigas fora de locais apropriados. As proibições levaram o esporte ao Norte e Nordeste, com a TV Pernambucana exibindo o programa Ringue Torre, na década de 1960. Nos anos de 1980 no Maranhão, surgiu Rei Zulu, que possuía uma rivalidade com Rickson, com

uma das lutas entre eles publicada na revista *Manchete* como “A Noite das Artes Marciais”. Em 1991, realizaram o Grande Desafio, transmitido pela Rede Globo, terminando com uma briga generalizada. A exibição para todo o Brasil daquela violência descontrolada custou caro aos treinadores, praticantes, promotores e amantes do esporte, pois as lutas pareceram mais um acerto de contas entre rivais de gangues do que um evento esportivo.

O esporte precisava sair da marginalidade e se profissionalizar, por isso, foram propostas diversas mudanças a fim de regulamentá-lo, principalmente, junto às comissões atléticas estadunidenses, quando se investiu em propaganda para humanizar os lutadores e o esporte, abolindo o termo Vale Tudo e inserindo a ideia de artes marciais mistas. Essa profissionalização aconteceu com as Regras Unificadas do MMA em 2000, quando são definidos, entre outros aspectos: divisão de peso, nomenclatura, rounds, trajes e equipamentos, arbitragem, julgamento, golpes, advertências, faltas e resultados. Essas regras são atualizadas em 2009, 2012 e 2016. É a transformação do Vale Tudo em MMA.

Sob a presidência de Dana White, que está no cargo desde 2001, o UFC realiza ações para se tornar a maior organização de artes marciais mistas do mundo, como a extinção da concorrência – como Pride, de 1997, comprado e finalizado em 2007, e *Strikeforce*, com foco no MMA desde 2006, adquirido em 2011 e fechado em 2013 – e a criação em 2005 do *reality show The Ultimate Fighter* (TUF), em que lutadores convivem trancados em uma casa com lutas eliminatórias entre os participantes. O vencedor conquista um contrato com o UFC. Depois de quase 30 edições, o TUF passa a ter a companhia de *Dana White’s Tuesday Night Contender Series*, de 2017, em que o presidente do UFC seleciona lutadores em eventos semanais, semelhante ao que fazia com o *Looking for a Fight*, de 2015, quando viajava pelos EUA à procura de lutadores para sua organização.

Hoje, o MMA possui a alcunha, principalmente do UFC, de que é o esporte que mais cresce no mundo, endossado por empresários dos eventos, jornalistas especializados e até por pesquisadores (FERREIRA, 2011; MIRANDA, 2012; SANTOS; MIRANDA FILHO, 2015). Segundo Alvarez e Marques (2011), essa relevância midiática é explicada

menos pelos combates do que pelo trabalho de marketing e de imagem pelo qual passaram o UFC.

A popularização do MMA no Brasil ganha novos contornos em 2010. Embora os direitos de transmissão do UFC até hoje sejam do Grupo Globo, a Rede TV foi a primeira emissora de televisão aberta do país a veicular um evento da organização – com lutas antigas –, o UFC sem Limites, de 2009 até 2011. O MMA se tornou o único esporte a possuir um canal específico, além do futebol. O Premiere Combate surgiu em 2002 e mudou para o nome atual, Canal Combate, em 2009, dedicando sua programação ao MMA, ainda que outros esportes de luta apareçam com frequência, como boxe e jiu-jitsu brasileiro. O canal possui desde 2015 o Combate Play, aplicativo e plataforma digital, porém, apenas em maio de 2018 o liberaram para quem não possui um pacote de TV a cabo, assinado direto para a internet.

Outro fator preponderante para essa disseminação foi a nomeada “luta do século” em 2011, entre Anderson Silva – na época o maior lutador do UFC – e Vitor Belfort – o mais conhecido lutador do país, por causa da sua participação no *reality show* Casa dos Artistas, do SBT, em 2002. No mesmo ano, com o UFC Rio – ou UFC 134 –, pela primeira vez um evento do UFC foi transmitido ao vivo em canais brasileiros abertos, com o *card* preliminar exibido pelo site Globo.com e o *card* principal pela RedeTV e pelo SporTV, e na íntegra pelo Canal Combate. Se nos EUA o MMA só ganhou visibilidade com o TUF, no Brasil não foi diferente.

Após a participação de Anderson Silva nos dois acontecimentos supracitados para a popularização do MMA no Brasil, o TUF na Rede Globo, em 2012, consagrou de vez o esporte entre os mais populares, tendo, novamente, Vitor Belfort como chamariz, como técnico, contra um dos seus rivais e lutadores brasileiros mais renomados da história do MMA, Wanderlei Silva. Ainda assim, Ferreira (2011) acreditava à época que o esporte estava em posições secundárias nos noticiários esportivos. Essa mesma perspectiva é corroborada por Paulo Curi, produtor de eventos de MMA em Belo Horizonte, para quem um dos principais problemas para divulgação era a falta de interesse da mídia especializada (MIRANDA, 2012).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas sobre jornalismo e MMA no Brasil ainda são escassas e este texto buscou situar o lugar deste esporte entre as modalidades estudadas do jornalismo esportivo. Como visto anteriormente, os próprios estudos acadêmicos na área da Comunicação sobre o esporte enfatizam os aspectos publicitários e de marketing, ou seja, voltados mais às questões de gestão de imagem e até econômicas. E mesmo que todos os textos abordados neste artigo sobre jornalismo esportivo tenham sido publicados alguns anos após a profissionalização do MMA, isto é, depois da consolidação das regras unificadas do esporte, eles não o contemplam como uma das modalidades desta prática jornalística. As pesquisas sobre jornalismo esportivo praticamente ignoram as produções jornalísticas sobre os esportes de luta, de modo geral, desde o judô, com nomes como Aurélio Miguel, Flávio Canto e Tiago Camilo, até o boxe, que já teve atletas brasileiros renomados, como Éder Jofre, José Adilson 'Maguila' e Acelino 'Popó' Freitas, além de um ícone mundial extremamente midiático como Mike Tyson.

Em comparação com o futebol, que praticamente guiou o aprimoramento das produções jornalísticas esportivas com sua profissionalização, sobretudo nos anos de 1960, o MMA seguiu um caminho semelhante, uma vez que primeiro surgiram os meios de comunicação especializados, na época do Vale Tudo dos anos de 1990, acompanhando esta modalidade da luta até ela se tornar, de fato, um esporte, com as regras unificadas em 2000. O Vale Tudo, desde o início do século 20, era noticiado por causa dos Desafios Gracie, até o início dos anos de 1990, quando a prática se marginalizou devido aos casos de violência. O esporte e a mídia sempre se relacionam e se interferem mutuamente (SANFELICE, 2010), desde o comportamento dos atletas até a transmissão e as próprias regras da modalidade. A profissionalização do MMA resvalou no jornalismo e permitiu o desenvolvimento da sua especialização, não só com o aumento de editorias próprias, blogs e sites, mas até com agência de notícias, revista digital e, mais recentemente, canais de YouTube.

As revistas Gracie Mag e Tatame, por exemplo, existem até hoje, embora surgidas no país ainda nos anos de 1990, além da mais recente PVTmag (2009-2015), vinculada ao Portal do Vale Tudo, de 2001. Na televisão, o Canal Combate possui direito de imagem e de transmissão do UFC no país desde 2002. Dez anos depois, em 2012, surge a primeira agência de notícias brasileira especializada em MMA, a Ag. Fight.

Os principais sites jornalísticos brasileiros especializados em MMA são: *Combate.com* – *hotsite* específico dentro do Globo Esporte –, Portal do Vale Tudo (PVT) – hospedado no UOL –, Super Lutas – vinculado ao portal iG –, MMA Brasil e Sexto Round. Em grandes portais e sites jornalísticas, como Terra, UOL e Yahoo!, existe somente uma editoria generalista como Esportes, enquanto o iG e o Esporte Interativo apresentam, de modo amplo, a seção Lutas, mesmo que trabalhem majoritariamente com MMA. Os sites menores são muitos, como Nocaute na Rede, MMA Premium, MaisMMA, MMA Inside, Tudo sobre MMA, entre outros. Os principais canais de YouTube autóctones – isto é, aqueles criados especificamente para esta rede social, sem outro espaço que o sustente – são: Cage of Bones MMA, Canal Encarada, Confraria da Porrada, Diretasso, MMA Debate, Nocaute, Porrada e Vitor Miranda (lutador do UFC), além dos canais que fazem parte dos sites supracitados.

A relação entre atletas e profissionais da mídia é um paralelo que pode ser traçado através do jornalismo esportivo ao longo dos anos, notadamente pela perspectiva do futebol, com o que ocorre atualmente na produção especializada do MMA. Os jornalistas que cobriam inicialmente o esporte, sobretudo quando ainda tinha a nomenclatura de Vale Tudo, possuem uma relação de proximidade e até de amizade com vários atletas, seus treinadores e seus empresários. No futebol, isso aconteceu, principalmente, com a aproximação dos jornalistas com os jogadores, os técnicos e os cartolas. Esses laços, quando extrapolam o profissional e se tornam quase de amizade, podem atrapalhar o jornalista em sua missão de tratar a informação com certa isenção, com os profissionais, frequentemente, acusados de favorecimento, por conta de um clube, no futebol, ou de um atleta e sua equipe, no MMA.

A mistura na redação de ex-atletas com jornalistas é algo que também acontece no MMA, aumentando as críticas em relação ao julgamento dos profissionais que trabalham na mídia com este esporte, por causa de análises mal feitas, de desconhecimentos das regras e de valorização exacerbada dos lutadores e das academias do Brasil, o “pachequismo”. Essa aproximação acontece com ex-atletas do Vale Tudo e MMA, como Artur Mariano, Carlão Barreto e Rodrigo ‘Minotauro’ Nogueira, com ex-atletas de outras modalidades, como o judoca Flávio Kanto e a jiu-jiteira Kyra Gracie, e até com empresários de lutadores, como Jorge ‘Joinha’ Guimarães.

Segundo Miranda (2012), a inserção desses lutadores existe por causa dos espectadores qualificados, que normalmente praticam alguma modalidade de luta, fazendo com o que esses profissionais tenham até mais credibilidade e conhecimento do que um jornalista, no tocante aos treinamentos, às negociações, aos eventos e às demais preparações para o combate. Essa mescla nos veículos especializados em MMA é histórica, porque esta modalidade jornalística era pouco expressiva quando surgiram as primeiras revistas sobre o esporte – ainda que fossem majoritariamente destinadas ao jiu-jitsu brasileiro –, como Tatame, de 1994, e Gracie Mag, de 1996, além do seu primeiro programa televisivo, o Passando a Guarda, no canal SporTV, apresentado pelo empresário de lutadores Jorge ‘Joinha’ Guimarães (FERREIRA, 2011; NASCIMENTO et al., 2011; RAUPP, 2012).

No jornalismo esportivo e, por extensão, na produção especializada em MMA, as temáticas trabalhadas extrapolam os limites do calendário (factual) esportivo. Mesmo que não possamos apontar com precisão as frequências e as disposições dessas abordagens, percebemos, de maneira assistemática, a existência de algumas perspectivas trabalhadas nos espaços destinados à produção de conteúdo especializado em MMA, para além dos assuntos factuais, como: drogas de melhora de performance e testes antidoping; relacionamento dos dirigentes das organizações com os seus atletas; relação entre os eventos, enfatizando as concorrências ou colaborações entre eles; machismo no MMA, das lutadoras às *ring girls* (MATOS, 2015); aspectos econômicos das organizações e dos atletas, desde bolsas, premiações e publicidades até a situação econômica dos países relacionados aos eventos e aos lutadores (MATOS, 2018) – como a seção *The Ultimate Business*, no MMA Brasil, e os vídeos semanais nos canais do YouTube Diretasso e Nocaute. Para além dessas temáticas, destacam-se os conteúdos regulares sobre o passado desse jovem esporte, com dados históricos, datas comemorativas e realizações marcantes – sobretudo nas seções Baú do Alonso, na revista digital PVTmag, e Flashback, no site Sexto Round, e os vídeos no canal de YouTube Confraria da Porrada.

## REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, Fábio. **A domesticação da violência**: os processos comunicacionais da rede globo de televisão na abordagem do MMA (artes marciais mistas). 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP, 2013.
- ALVAREZ, Fábio; MARQUES, José. Breves questionamentos sobre o fenômeno midiático do MMA – Mixed Martial Arts (Artes Marciais Mistas). In: **Anais** do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), Recife, 2011.
- BORELLI, Viviane. O esporte como uma construção específica no campo jornalístico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. **Anais** do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), Salvador, 2002.
- CAPRARO, André. Mario Filho e a “invenção” do jornalismo esportivo profissional. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 213-224, abr./jun. 2011.
- COELHO, Paulo. **Jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.
- FERREIRA, Fernanda. **MMA no Brasil**: cobertura, espetáculo e formação de mitos no antigo ‘Vale-Tudo’. 2011. Monografia (Graduação em Jornalismo). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- LEANDRO, Paulo. Jornalismo esportivo como especialização capaz de ampliar a autonomia em relação às fontes interessadas em desenvolver carreira política. **Diálogos possíveis**, Salvador, v. 4, n. 1, p. 65-73, 2005.
- LEANDRO, Paulo. **Ba-Vi**: da assistência à torcida. A metamorfose nas páginas esportivas. 2011. Tese (Doutorado em Cultura e Sociedade). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.
- LOVISOLO, Hugo. Jornalismo e esporte: linguagem e emoções. **Corpus et Scientia**, Rio de Janeiro, ano 7, vol. 7, n. 2, p. 91-99, nov. 2011.
- MARTINS, Allysson. Olho nas luvas! Jornalismo esportivo e o lugar do MMA entre suas modalidades. In: **Anais** do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), São Paulo: FIAM-FAAM e Anhembi Morumbi, 2018.

MATOS, Alexandre. Sinal de alerta no MMA. **MMA Brasil**, publicado em 19 jul. 2018. Disponível em: <<http://mmabrasil.com.br/sinal-de-alerta-no-mma>>. Acesso em: 11 set. 2018.

MATOS, Alexandre. Machismo no MMA: por que não falar sobre? **Sexto Round**, publicado em 14 abr. 2015. Disponível em: <<http://sextoround.com.br/18981-machismo-no-mma-por-que-nao-falar-sobre/>>. Acesso em: 19 jul. 2018.

MIRANDA, Fernanda. O MMA no Brasil: um panorama da modalidade. **Esporte e Sociedade**, ano 7, n. 19, p. 50-70, mar. 2012.

NASCIMENTO et al. Virilidade e competição: masculinidades em perfis de lutadores das Revistas Tatame e Gracie. **Memorandum**, Belo Horizonte e Ribeirão Preto-SP, v. 21, p. 195-207, out. 2011.

RAUPP, Ivan. O 'sobrevivente' Joinha: de andarilho da vida a agente de estrelas do MMA. **Combate**, publicado em 04 dez. 2012. Disponível em: <<http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2012/12/o-sobrevivente-joinha-de-andarilho-da-vida-agente-de-estrelas-do-mma.html>>. Acesso em: 11 set. 2018.

SANFELICE, Gustavo. Campo midiático e campo esportivo: suas relações e construções simbólicas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 31, n. 2, p. 137-153, jan. 2010.

SANTOS, Igor; MIRANDA FILHO, Vamberto. Considerações sobre mídia e "heróis esportivos" do Mixed Martial Arts. **Motrivência**, v. 27, n. 44, p. 207-218, mai. 2015.

SILVEIRA, Nathália. **Jornalismo esportivo: conceitos e práticas**. 2009. Monografia (Graduação em Jornalismo). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.